

«GIOCONDA»—O celebre quadro de Leonardo de Vinci roubado do Museu do Louvre

N.º 289 Lisboa, 4 de Setembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno. 48800—Semestre, 28400—Trimestre, 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MUALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

O melhor de todos os remedios

— CONTRA AS —

Affecções
pulmonares



GUAYACOSE



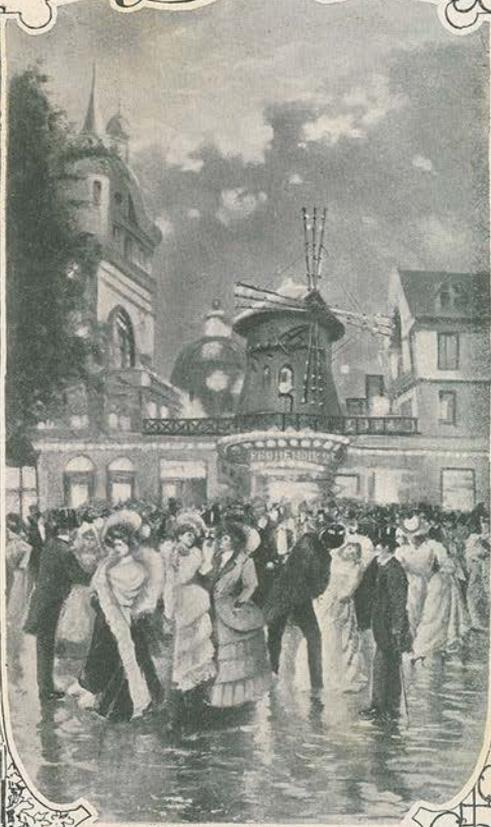
Reune aos beneficos
efeitos do guayacol, a
poderosa acção reconsti-
tuinte da

Somatose liquida

A "Vadrouille" de Paris

Definição de "Vadrouille" tal como os dicionários do calão e da boa linguagem nol-a permitem—A pandega parisiense—Considerações geraes

Um dos dicionarios de argot que tenho presente, dá á palavra *vadrouille* (que, como muitas outras do seu genero, faz parte do fino francez *tel qu'on le parle*) o significado de—passeio nocturno e turbulento. Outro, mais completo, authenticado com um prefacio abonador do mestre Richepin, attribue ao termo, além de outra significação que para aqui não vem, a de—reunião d'homens e mulheres que vão de espelunca em espelunca. Ora, indo buscar a palavra á sua mais proxima origem, averigua-se que, na marinha, *vadrouille* é o mesmo que lambaz, ou seja uma pequena vassoura que *vae e vem* em logares de pouco aceio. O termo desembarcou, naturalmente, e por ahi andou á solta até que algum moralista se lembrou de lhe dar emprego para designar aquillo que, em Paris, faz, da meia-noite até ao romper d'alva, o forasteiro aturdido e curioso e o parisiense *noceur* de profissão. E, de tal guisa, e bom luzitano, *vadrouille* póde ser borga, estroi-



1—O «Moulin Rouge»
(Quadro de Gireste)
2—«A Conta» (Quadro
de Guillaume)



nice, pandega, pagode, rapioca ou qualquer coisa semelhante que o leitor, versado em synonymia, lhe pretenda chamar.

E' pois á pandega de Paris que vou agora referir-me, desistindo — muito sinceramente desde já o declaro — de pretender





«A escolha do menú» (Quadro de Faugeron)

explicar a sua fama mundial. Não tratarei comtudo de beliscar-lhe essa reputação. Os que me fazem a honra de lêr estas palavras, depois de passar a vista pelas gravuras fo'gazãs que as acompanham, não me perdoariam nunca se sobre um assumpto tão pandego como é a propria pandega, eu escrevesse um artigo triste. Não. Mas, como ha aqui, mais que em outra qualquer parte do mundo, uma miseria que se besunta a cada noite de poeira d'ouro para poder brilhar, como debaixo de muitos sorrisos ha soluços que se reprimem com tortura e em muitos olhos o crayon esmaga os sulcos de lagrimas sem fim, como debaixo dos lustres electricos, dançando e rindo, n'uma folia de frenesi que lembra aquellas bebedeiras que os desgraçados tomam

para esquecer, ha centenas de pobres fanchos da desgraça que a vida a cada dia sacode a pontapés, é possível que eu me tente a pedir á *Ilustração* que guarde os *clichés* d'este artigo para servir ainda em um outro que se possa intitular — a miseria de Paris.

Os *habitués* de *vadrouille* não são porém geralmente cultôres da sciencia psicologica e não ha de resto como um legitimo *Pommery & Greno, drapeau americain* para dispôr a gente ao optimismo. E a accrescentar ainda que a força da

te se conjugam para dominar os homens, que a *vadrouille* parisiense resiste e que os seus industrias fazem fortuna.

O reino da "*vadrouille*": *Montmartre* — "*Maxim's*", "*Café Americain*" "*Olympia*" — O *Sacré Cœur* — *Montmartre dos devotos, dos artistas e dos pandegos* — O *Montmartre da Place Pigalle* e o da "*Louise*" de *Charpentier* — *Restaurants e cabarets*

Montmartre é ainda o logar pre-



«American Bar»

(Quadro de Galand)

tradição é poderosa e que é difficil convencer que se aborrece de morte um homem que resolveu terminantemente embrenhar-se n'uma pangeda sem fim. Convencendo-se um mortal de que a libertinagem de Paris é uma concorrente terrivel das delicias do paraizo, não ha que dizer-lhe que todas as mulheres não são aperfeiçoamentos das *Venus* do Louvre, que a musica dos falsos *tziganos* não é de todas a mais bella, que o preto das cançonetas não é o mais espirituoso dos artistas e que a *cocotte* que lhe comeu dois terços da ceia e lhe bebeu tres quartos de Champagne desde logo o não arvorou em seu *beguin*. A convenção é omnipotente, a auto-sugestão uma coisa que já entrou nos dominios da vulgaridade scientifica; e é com o auxilio d'essas duas forças que frequenter-

ferido da *vadrouille* parisiense. Eu não esqueço o *Maxim's*, nem as atracções de verão nos Campos Elyseos, nem o *Café Americain* dos *boulevards*, nem tampouco o *Olympia* com o seu *music-hall* e com a sua taberna regorgitante de mulheres, onde um sexteto toca até que pelas portadas entra a claridade do sol. Mas *Montmartre* tem uma tradição e na estroinice parisiense, como já tive ensejo de notar, a tradição entra em grande parte.

O criterio de *Montmartre* é, desde largo tempo, conhecido como logar de devoção e de prazer. Lá habitaram monges e lá se fizeram celebres a *Ivette* cantando, a *Gonlue* cancanizando, a *Sarah Brown* deixando admirar as suas formas nuas no tablado do *cabaret de Quatzarts*. Os seus carinhos, de longa data, co-



«No Boulevard dos Italianos» (Quadro de Darien)

nhecem os pannos dos peregrinos e os dos peccadores impenitentes. É ainda hoje dominando a *butte*, semeada de *restaurants* e *cabarets*, dominando os velhos moinhos em torno dos quaes ainda se dança e dominando afinal, severa e grande, este Paris de impiedade, se ergue a Basilica do *Sacré Cœur*.

Montmartre não é apenas as praças *Blanche* e *Pigalle*, com os seus cafés de varias ordens e seus arredores de fina

mente mais bello, onde Murger procurou os seus philosophos, os seus poetas e os seus pintores de cabelleira e onde decorre todo o drama, que é quasi uma epopéa da *Louise* de Charpentier. E n'um jardim situado no alto da *butte* sagrada, —lembram-se?— que os bohemios vão n'um cortejo bizarro coroar *Louise* sua musa; e é lá que elles cantam, cobrindo-o de flôres e glorificando n'ella a cidade immersa que os seus olhos



«O gabinete particular.»

(Quadro de Galan)

esturdia; não é apenas a serie dos *cabarets* celebrizados pela *verve* d'um *Bruant* ou d'um *Fursy*; não é apenas o *Moulin Rouge*, armado agora em *music-hall* de luxo; nem o *Bal Tabarin*, tão ruidoso sempre e sobretudo aos sabbados com as suas festas internacionaes e allegoricas e os seus concursos de pernas e decotes; nem tampouco o *Moulin de la Galette*, aliás bem característico e cuja velha salla hoje transformada, se admira sobre as paredes do *Luxembourg*, na obra-prima de *Renoir*. Esse foi o *Montmartre* creado por *Salis* com os deslumbraamentos, jámais ultrapassados, do seu velho e vencido *Chat noir*. Mas ha ainda, alguns andares acima na escalada pittoresca do outeiro, o *Montmartre* mais humilde, mas infinita-

maravilhados contemplam regorgitante de luz, no esplendor do seu triumpho:

Paris! Ville de force et de lumière
Paris! Paris! Splendeur première!
Paris! ô Paris!
Cité de joie! cite d'amour!

Mas esse não é o *Montmartre* que frequentam os encasacados *noceurs*. Este outro não tem as trapeiras-ateliers do romance d'onde se fez a opera de *Puccini*. Tem mais luz electrica, mais vinhos caros, mais *cold-cream*, mais dinheiro, mas muito menos naturalidade, muito menos encanto, muito menos amor. E' porém o *Montmartre* de *vadrouille*; e as boas regras



1—O Bar (Quadro de Abel Fruchet)
 2—O Jardim de Paris (Quadro de Beraud)
 3—No «Sal Tabarin» à meia noite
 (Quadro de Richard Putz)

do methodo mandam-me deixar os outros, para, fiel ao titulo do meu artigo, o descrever. Desçamos pois, com as Mimis e as Muzettes aos dominios dos seus *amants du cœur*, para os *restaurants* opulentos onde o pandego vae: nós, na piugada d'um assumpto, ellas á cata de um *miché*.

“*Abbaye*”, “*Rat mort*”, “*Pygall's*”, “*Royal*”, etc.—O copo de leite no “*Pré Catelan*”—*Typos e aspectos*

De todos os *restaurants* de noite de Montmartre o mais elegantemente frequentado é a antiga *Abbaye* e *Théleme*, que hoje se chama *Abbaye Albert* em homenagem a um Alberto que é seu director. Trata-se de um recinto pequeno, engrandecido por espelhos, onde, da meia noite ás tres, uma multidão encasacada e decotada ceia, bebe, vê danças e ouve cançonetas. O Champagne é lá, como em todos os outros *restaurants* de luxo, do custo medio de



20 francos a garrafa, e qualquer prato da ceia exceptuando os fructos que por vezes são fabulosamente caros (um franco uma banana, dois francos uma pera, dez um cacho d'uvas) regula, por pessoa, 5 francos, ou sejam approximadamente os lindos dez tostões com que, na nossa pacata e ingenua Lisboa, qualquer se pôde dar ao luxo d'um jantar inteiro no Tavares.

N'essa *abbaye*, que eu me esqueci dizer, estar situada onde n'outros tem-





«Uma cervejaria em Montmartre»

(Quadro de Balestriéri)

pos foi o atelie de Roybet, vêem-se todas as noites duas figuras curiosas, que um publico de nossos esturdios, *cocottes*, principes mais ou menos russos e americanos e americanas mais ou menos velhos applaudem e não sei mesmo se admiram. Uma é a d'um preto que canta e toca n'uma guitarra, em meio da chinfreina habitual. E' ascoroso, com a sua casaca vermelha, o seu coração enorme, a sua bocca d'africano, estragada por uma fórmula archigrotesca que lhe deu o geito de espatifar as cançonetas da civilização. A outra é d'uma bonita hespanhola, magra, gentil e com uns olhos negros e soberbos, como ha alguns na nossa terra mas que é muito raro vêr aqui. E' endiabrada, a rapariga, mettendo-se, quando canta, dançando, com os *vieux marcheurs* que lá apparecem: uma hespanholita, em summa, com o *salero* filtrado pelo bom-gosto parisiense e esses taes olhos dizendo coisas extraordinarias d'amôr e de mysterio. Essa pobre mulher que da sua terra distante aqui veio parar, como tantos outros e tantas outras em busca da gloria e da fortuna, vae-se matando aos poucos trabalhando sem cessar noites inteiras, primeiro no Tabarim desde as 9 horas, depois ali até pela manhã, para que a um filho que tem tres annos, não lhe falte de comer. E ella que ali ri, com o brilho da

mocidade illuminando as pupillas negras, entre copos de Champagne e os galanteios do publico que paga e se diverte, é na sua casa de falso luxo que tem o primeiro momento feliz de cada madrugada quando, entrando vae beijar com os seus pobres labios resequidos da orgia, a boquita côr de rosa do pequenino adormecido...

Contiguo á *Abbaye*, é o *Rat Mort* um dos mais antigos e mais celebres restaurantes de Montmartre, *Rat mort*, porquê? Segundo um guia alegre que ahi se vende, a denominação é devida a um rato que mereceu a pena ultima por ter inquietado em momento inoportuno um par gentil que tinha coisas a dizer-se em gabinete particular. O cadaver do infornado roedor mostra-se ainda hoje — accrescenta o mesmo guia — a quem o sollicita. O *Rat mort* está como os outros estabelecimentos do seu genero, sempre cheio, muito embora o publico estroina seja em Paris afinal pouco numerozo e pouco variado. Mas o *noctur* que se preza não passa uma noite inteira n'um só *restaurant*. Antes de ir para o *Abbaye* já passou uma hora no *Café de Paris* ou *Chez Fysher* e da *Abbaye* irá ainda ao *Rat mort*, ao *Pygall's*, ao *Royal* ou a qualquer dos outros muitos, descendo por fim ao *Maxim's* d'onde, já



com manhã alta, na estação calma, corre a reconfortar-se das fadigas da noite ao Bois de Bologne, bebendo um copo de leite no *Pré Catelan*. Só então o pandego

colocado a dois passos da Avenida da Opera e, por consequencia, do centro da grande vida parisiense, e onde se passa o tempo, desde a sahida dos theatros á 1 e



No «Quartier Latin»:
O «Boul'Mich» (Boulevard Saint Michel)
«Quadro de Darien»

recolhe a casa, fatigado a morrer, atirando a casaca amarrotada para cima da *chaise-longue*, deixando cahir os sapatos quasi sem dar fé e mergulhando nos lençoes para dormir mal até ás 2 ou 3 da tarde seguinte, hora em que, com a bocca secca — a *gueule de bois* como muito justamente aqui lhe chamam — começa a aperaltar-se para o inevitavel *chá das cinco*, desistindo muitas vezes de almoçar

«*Ches Fysher*» — Impressões de uma boitesinha de luxo, do seu dono, dos seus artistas e do seu publico. — A musica italiana em Paris. — Retrato imperfeito d'uma bizarra mulher.

Falei de *Ches Fysher*.
E' um cubiculo curioso,

meia ou 2 da manhã. A sala, pintada de branco e guarnecida com innumeras lampadas, não é seguramente maior que um dos grandes carros electricos lisboetas.

Fysher é um cançonetista. Arranjou aquillo, conseguiu lançal-o, assegurou-se do concurso d'um homem que toca ininterruptamente piano, de dois que o acompanham em guitarra e violão, de meia duzia de cantores e cantoras de theatros e *music-halls* que ali vão preencher um numero em cada noite — e ahi o temos nós com a sua bocetasinha transformada n'um centro de reunião de gente fina, onde, em geral, só se entra de casaca, e onde tambem só se bebe *Champagne*.

O dono da casa, em certa altura, inter-





«A madrugada n'um

restaurant de Montmartre»

rompe a musica e annuncia um numero de canto, pedindo ao seu publico um instante de silencio. De vez em quando annuncia-se a si proprio e eil-o então a murmurar, como elle elegantemente diz, uma das canções de que é simultaneamente interprete e o auctor. Já não tem voz, se é que alguma vez a teve, mas diz á maneira dos cançonetistas sentimentaes francezes, balbuciando ao som das valsas lentas que se usam aqui nos mesmos transes em que se ataca com exito o *fado choradinho* em Portugal.

O pessoal masculino da casa canta tambem, entre outros, um robusto tenor de grande bigodeira loira, artista não sei de que theatro, em que, a avaliar por elle, se não deve cantar de todo mal. E' genero italiano, com enxertos hespanhoes, do genero da bem conhecida *Partida*, de Alvaréz.

Gosta de Tosti e da *Cavallaria*, e, por isso, os francezes o ouvem em extase e o applaudem com calor.

E' incrível como esta gente é mal educada em materia musical. Tendotantas lindas coisas francezas, mesmo no genero mais transigentemente popular, tudo deixam pelo conhecido *intermezzo* de Mascagni, por um naco da *Bohème*, pela cantiga do desespero dos *Palhaços* ou pela aria da

Tosca, que tem rendido ao Caruso e aos empreiteiros de discos gramophonicos, uma fortuna collossal!

Canta *Chez Fyscher*, entre varias anodinas creaturas, uma mulher das mais interessantes que eu tenho visto em Paris. Canta, é um modo de dizer. A sua voz roufenha é refractaria a toda a tentativa de modelação musical. Mas atabalha umas cançonetas, entrecortando-as de invectivas ao publico da janofissima baiuca. E' uma mulher de aspecto estranho: cabelo ruivo, cortado como o de um rapaz, uma pelle fina e muito branca e uns olhos azues escuros, d'um brilho metallico, olhos perturbantes de maldade, de vicio, de presagio:—os olhos da cocainomana que ella é.

Entre tantos e tantos centenaes de mulheres que por ahi andam, quasi todas tão eguaes no *rouge* e no *cold-cream* como no espirito, figuras banaes talhadas todas pelo mesmo molde, tão inexpressivas e tão semelhantes que pareceria melhor designal-as por um numero em vez de as tratar por alguns dos muitos nomes que cada uma d'ellas tem—essa mulher representa uma excepção, e, como tal, offerece ao observador um verdadeiro interesse. Interesse pathologico, talvez. Não a quero tambem para modelo de estatuaría, nem penso em propô-la como candidata a um



dos premios de virtude do Instituto de França.

Cabarets do céu, do inferno e da morte—O Quartier latin—A visinhança dos mercados—Antros e baúcas—A «manha dos ladrões»—Uma resposta à letra

A par dos *restaurants*, ha em Montmartre os chamados *cabarets* artisticos, com decorações bizarras, onde um publico de *noceurs* d'uma menor cathogoria, ou de estrangeiros curiosos, escuta canções em geral de critica aos acontecimentos do dia. Longe de mim a ideia de nomeal-os todos. Mas não deixarei de mencionar os *cabarets du Ciel*, de *l'Enfer* e de *du Néant*. Nesses tres estabelecimentos, os scenarios são adequados aos respectivos titulos. No do Céu, todo luminoso, em fórma de cathedral gothica, cheio de branco e oiros, o publico é recebido na sala do *celeste banquet* por seraphins de pureza suspeita, com suas perucas loiras, suas grinaldas, suas azas brancas e seus *maillots* cõr de rosa. Da sala do *celeste banquet* os curiosos passam ao primeiro andar, que é o *céu*, conduzidos por um S. Pedro, e onde ha anjos oriundos de Montmartre e ambientes mysticos, de estuque e papelão.

No do Inferno, bem entendido, tudo é vermelho e cheio de diabos. Pelo preço d'um *bock* conquista-se o direito de passar à *Chaudière*, antro de Satan onde se contemplan terrificas visões. Perto, é o outro *cabaret*, o da Morte. Tudo é negro, n'esse, menos os esqueletos, os ossos avulsos e as caveiras, que constituem a decoração. O lustre é feito de um craneo e de tibias; as inscrições são tetricas. Vêem-se coisas funebres nas diversas salas que a luz dos cirios allumia; e sae-se da lá ao som do *Miserere*.

O *Quartier latin* que hoje não é o que foi outr'ora (aqui, como ahi, os mocinhos deram em apparecer aos vinte annos conselheiros) ainda tem comtudo alguns velhos cafés que sustentam a tradição jovial dos velhos tempos. O mais caracteristico é o *Caveau du Cercle*, frequentado quasi exclusivamente, como de resto a maior parte dos outros d'esses sitios, por estudantes e mulheres.

Mais curiosos, para o observador da vida de Paris, são, sem duvida, os antros que se encontram nas proximidades das *Halles*. E' ali que se reune, alta noite, em volta das mezas de cafés ascorrosos a escoria parisiense. E' toda a fauna do crime que, através das vidraças dos *bars*, o transeunte pôde vêr quando, depois da meia noite desça a rua de Montmartre (que nada tem de commum com o *quartier* do mesmo nome).

São os *voyous*, as *pierre-sues*, os *habitués* das prisões e das tabernas, e, ao lado d'esses, os mendigos que aspiram a dois *sons* para ter onde dormir, n'um dos

caboulots visinhos dos mercados. Os cafés das *Halles*, valem bem uma descripção minuciosa que, por isso mesmo que teria de ser longa, hoje não posso fazer aqui. Um d'elles, sobretudo, merece bem a pena visitar-se, armado até aos dentes e em solida companhia; o *Caveau des Innocents*. E' uma baiuca horrivel, com inscrições estranhas nas paredes e, entre ellas, á laia de *remember*, os nomes dos guilhotinados celebres contemporaneos. Todas as noites, lá se canta com exito a *marcha dos ladrões*, que começa assim:

*On arriv' la nuit
Sur le coup d' minuit,
Dans un' maison solitaire:
On flanque au portier
En train d' rouppiller
Des marrons sur la caf' tière.
Le bourge is traquer
Devient vert de peur,
Nous offre des liqueurs.
On prend son argent
Et même ses jaus's dents,
Ses antiquités
Son vin frelaté...*

por ahi tóra continuando em termos de fazer córar mesmo quem não tenha a pudicia de mr. Bérenger.

Abancado, em curioso, a uma meza de um d'esses antros, eu explicava em francez, a um amigo recémvido a qualidade da gente que elle via, quando um matulão, por traz de mim, typo de *apache*, respingou com um ar misturado de insolencia e de desdem:

—Ta gueule! Ce ne sont que les poisons au beurre que n'ont pas un sifflet pour faire la bombe avec les marmites chics.

Ta gueule! é cala a bõca, *sifflet* é cascaca, *marmite* é uma dama dadivosa para certos dos que a admiram, *faire la bombe* é entrar em despezas de comes e bebes e *poisson au beurre* seria o nome de mr. Alphonse se Dumas, filho, escrevesse em calão.

A dama da moda — Como o «cancan» morreu — A «valse chaloupée» — O prazer de Paris, a alegria de muitos, a maldição d'alguns

... A *valse chaloupée*. E' certo que o seu papel preponderante nos espectaculos que se offerrece a *vadrouille* parisiense lhe faz jus a uma referencia n'este logar. Desbancou o *cancan*, o tradicional *cancan*, o que constitue para ella um irrecusavel titulo de gloria. E desbancou-o, não porque seja nem mais suggestiva nem mais bella, mas porque é mais do seu tempo. O *cancan* já não excita um publico, mesmo que não seja tão *detraché* como o publico francez. Apenas seria escandaloso

em Lisboa, onde, ha pouco mais de um anno, a policia mandou fechar um *music-hall*, em que as mulheres appareciam com as pernas nuas, ou no Canadá, que, por um caso recente, se ficou sabendo ser o paiz da moralidade incorruptivel. Mas nú de pernas, mas ao menos ao



léo, *ça ne dis rien* ao publico parisiense. Elle, farto de as vêrnas ruas, aos milhares, em cada dia, não se impressiona nada quando as vê nos palcos. Demais, o *cancan* exige uns *dessous*, que não são absolutamente nada da moda actual. A *nuvem de rendas* que tanto embeicou os nossos paes estroinas é hoje uma velharia que está a pedir logar marcado no museu Carnavalet. Por isso o *cancan* morreu. A valsa *chalousée* é chamada tambem a *dança dos apaches*. Isso não impede contudo que a apreciem os *m'sieurs et dames* chics que concorrem os logares da alta *noce* parisiense. E' uma coisa feita de brutalidade e de sensualismo, está na conta; sacode os nervos. A preceito, dança-se com o café quasi ás escuras. Ouve-se um apito: apparecem dois vultos, o primeiro arremessado para o chão com um impulso pelo que vem atraz. Este é o classico *apache*: de negro, calça larga ajustada no artelho, bonet de panno cahido sobre os olhos, *cache-col* vermelho, do feitto d'aquelles que em Lisboa não sei que patusco commerciante se lembrou de dizer aos janotas que era moda usar. A mulher vem de negro tambem, em cabelo e saia curta, as mãos nos bolsos do avental, uma flôr vermelha entre os dentes. A dança, ao rythmo da

valsa, é feita de lances de violencia e de ternura. Ora o homem lança a mulher por terra e ella vem, de rastos, abraçar-lhe os joelhos, amorosa e humilde, ou mesmo elle tenta servir-se da sua faca do officio, ora os dois se enlaçam, minutos sem fim, dançando, com os labios d'um collados aos labios do outro os corpos estreitando-se n'uma volupia selvagem.

A *dança dos apaches* é isso e ella constitue, não ha que negal-o, o attractivo de maior successo nos *restaurants* de noite. E' o exito de Montmartre. E emquanto o mundo que se diverte, gosa, entre golos de *champagne* os encantos estonteantes da dança dissoluta, emquanto que todo o caminho do *oiteiro sagrado* o prazer domina n'um incontestado e absoluto imperio, uma população laboriosa dorme repoisando da labuta d'um dia inteiro, e só, lá no alto, n'uma população de humildes e vencidos, alguns exclamarão, como o que de *h uise*, com odio e dôr, estendendo para a cidade, no desespero de uma ameaça inutil, os seus punhos cerrados:

—Oh Paris!!!

Paris, agosto de 1911.

PAULO OSORIO.



«O Moulin de la Galette» (Quadro de Renoir)

O Presidente da Republica Portuguesa

A eleição do presidente da Republica era um caso sensacional para a vida portugueza. Não se falava n'outra coisa semanas antes do acto em que se devia pronunciar a Assembléa Nacional. Dos nomes de começo indicados só tres tinham ficado com probabilidades de exito: Manuel de Arriaga, Bernardino Machado e Magalhães Lima.

A favor d'este ultimo por duas vezes se tentou organizar cortejos populares que fossem á Assembléa pedir a apresentação da sua candidatura, mas motivos independentes da vontade dos que os dirigiam fizeram fracassar esse desígnio. Finalmente, na véspera da eleição, os amigos do illustre democrata preveniram-no de que não podiam levar o seu nome á sanção parlamentar em vista de não haver probabilidades de exito e d'essa apresentação só prejudicar a candidatura Arriaga.

Reuniu para a eleição a Constituinte em 24 d'agosto. Havia uma anciedade enorme em saber os resultados; em certos grupos faziam-se apostas. Quem venceria?!

Bernardino Machado ou Manuel d'Arriaga? Uma grande paixão movia e impulsionava o publico, como em todos os espectaculos em que se esperam victorias e derrotas. As galerias da camara encheram-se; as tribunas reservadas do mesmo modo ficaram repletas e a anciedade pelos resultados communicava-se nas palavras, nos olhares, notava-se na attenção com que se seguia a eleição.

Na presidencia a figura veneranda de Anselmo Braamcamp, elle proprio candidato da ante-vespera e que n'uma recusa formai mostrara o seu desprendimento; na sala duzentos e vinte e dois constituintes, dos quaes apenas duzentos e dezasete votaram.

De momento para momento redobrava a anciedade; á medida que se iam constatando os votos, as opiniões oscillavam. Ao começo os candidatos pareciam estar em egualdade de circumstancias,

depois accentuam-se as probabilidades da victoria do sr Manuel



O sr. dr. Manuel de Arriaga, eleito no dia 24 de Agosto Presidente da Republica





O futuro Presidente no bufete da Camara dos Deputados, depois de ter votado e enquanto se realisa o escrutinio 2.—O dr. Manuel de Arriaga á ida para a Camara, no dia 21

manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da Republica, observar as leis, promover o bem geral da nação, sustentar e defender a integridade e a independencia da Patria Portuguesa.»

Estava confirmada a eleição. A Republica tinha o seu primeiro magistrado, o chefe do Estado sahido do povo.

O presidente fez ainda um pequeno discurso, evocando as virtudes democraticas e concluiu dizendo que para a Republica haviam de voltar os que tinham fugido.

Era como um programma de fraternidade que se acabava de traçar.

Alguns vultos da democracia saltaram vivas á união do partido republicano e no meio d'uma trovoadade applausos, em um clamor d'entusias-



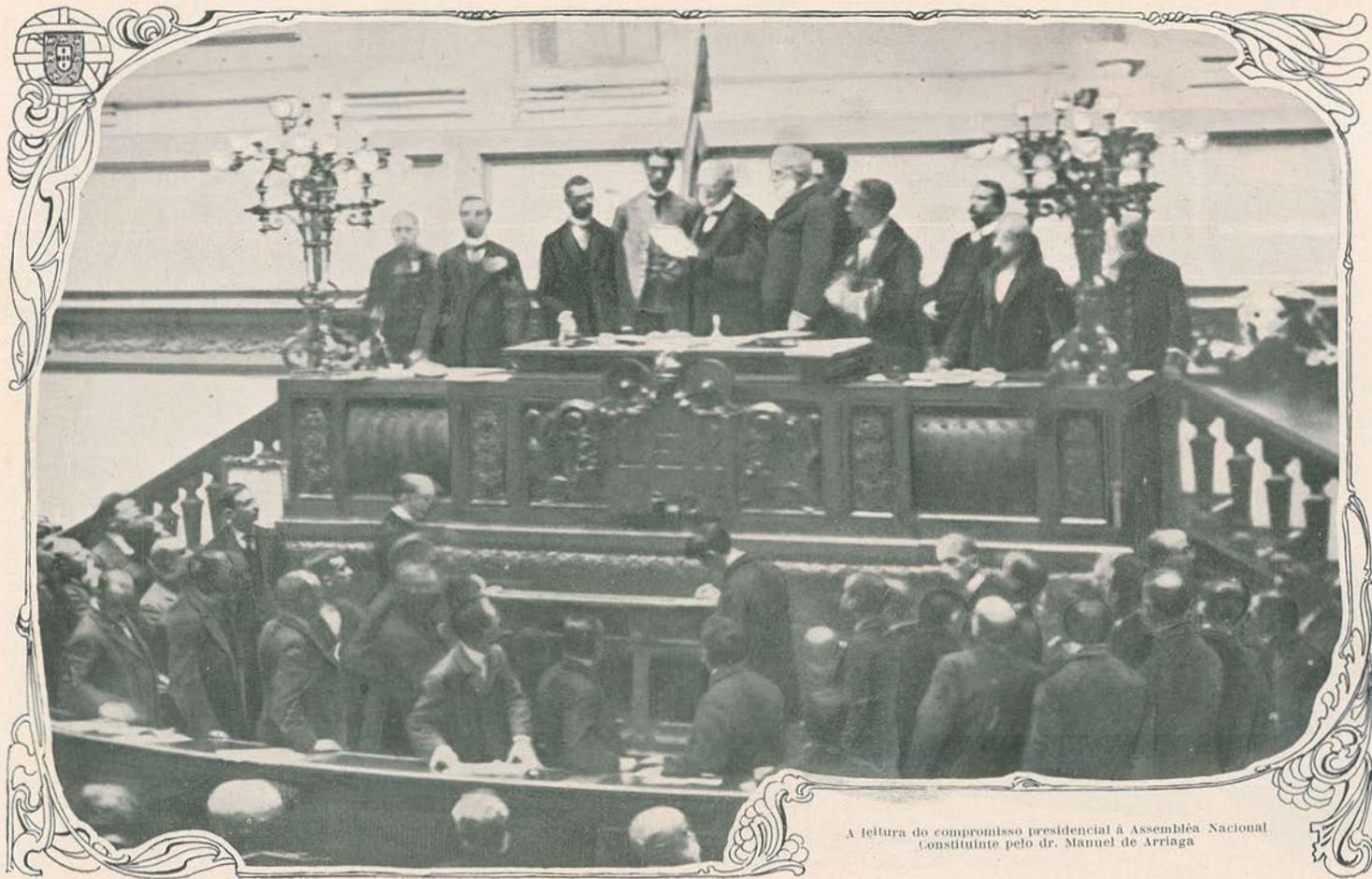
d'Arriaga d'uma forma quasi iniludivel. Por fim o presidente da Assembléa Nacional annunciou que o escrutinio dera o seguinte resultado:

Manuel d'Arriaga.....	121	votos
Bernardino Machado.....	86	>
Duarte Leite.....	4	>
Magalhães Lima.....	1	>
Alves da Veiga.....	1	>
Listas brancas.....	4	>

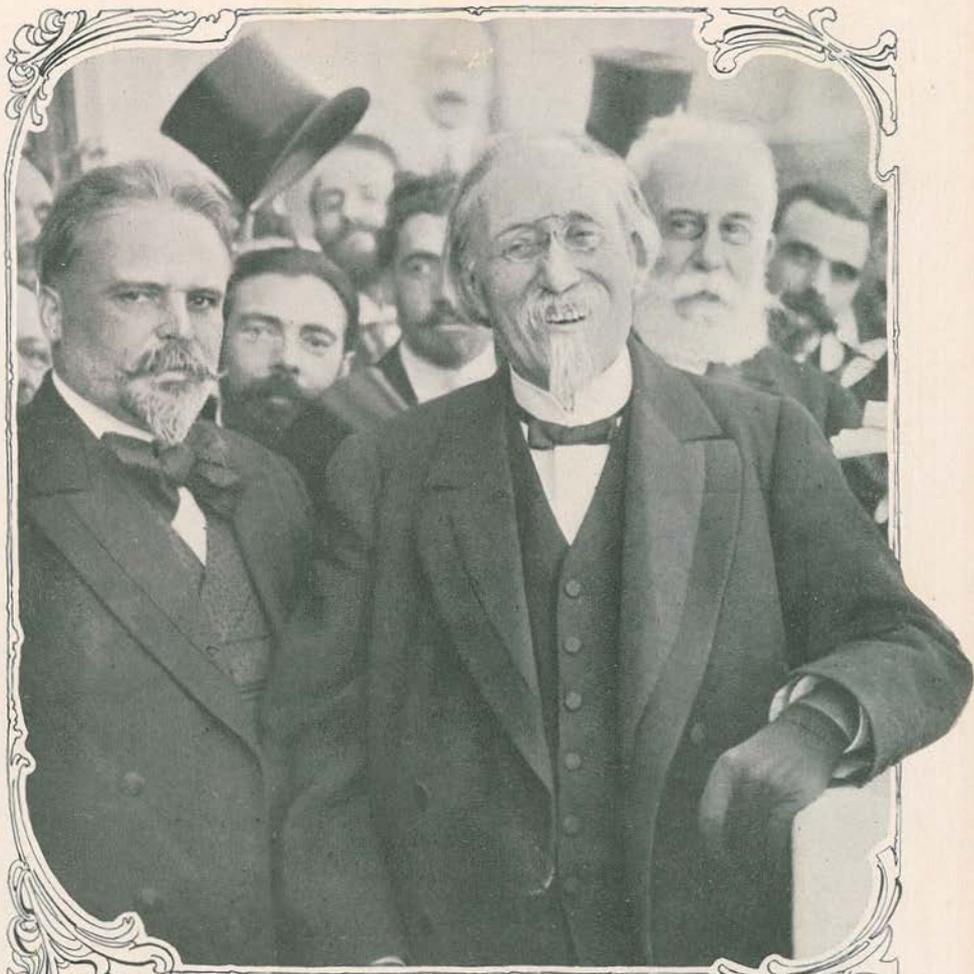
Um grande viva á republica resoou na sala. Todos os deputados se ergueram no mesmo entusiasmo; as galerias applaudiram phreneticamente enquanto o sr. Anselmo Braamcamp Freire ia á sala dos Passos Perdidos convidar o presidente eleito a entrar no recinto da Assembléa. Assomou á porta Manuel d'Arriaga, com a sua cabeça branca, o seu rosto calmo, aquelle ar modesto no habitual traje negro contrastava com a furia dos applausos que serenamente agradecia.

Quando tudo se acalmou o presidente da Republica subiu as escadarias da presidencia da Assembléa e prounciou, no meio do maior silencio, o seguinte juramento:

«Affirmo solemnemente pela minha honra



A leitura do compromisso presidencial á Assembléa Nacional
constituente pelo dr. Manuel de Arriaga



Na varanda do Parlamento: O Presidente da Republica, acompanhado pelo presidente do Congresso e pelo ministro do Interior, agradecendo as manifestações populares

mo o chefe do Estado appareceu ao povo. Salvavam os navios de guerra, içavam-se nos mastros, festivamente, as bandeiras; a artilharia troava e em terra o hymno nacional ouvia-se, tocado pelas bandas dos regimentos postados na avenida das Côrtes. Estralejavam girandolas; um piquete de lanceiros chegava diante do edificio da Assembléa para escoltar o automovel onde o presidente da Republica iria até ao palacio de Belem, que fica sendo a secretaria da presidencia em vista do parlamento não ter votado uma morada official para o primeiro magistrado da Republica.

Por entre as alas de povo, cercado o automovel pelos lanceiros e seguido algum tempo pela multidão, o chefe do Estado, ao lado do sr. Anselmo Braamcamp, saudava, recebia as homenagens commovidamente. Assim chegou ao palacio de Belem, onde o aguardavam já, com o ministerio, muitos deputados.

A sala Luiz XV onde o presidente da republica brasileira, Hermes da Fomseca, quando da sua viagem a Portugal poucos dias antes da revolução, recebia as suas visitas, foi a designada para a cerimonia que se ia realizar: a primeira recepção do primeiro presidente da Republica portugueza.

Theophilo Braga, chefe do governo provisório, apresentou então ao chefe



A partida para o paço de Belem
O Presidente da Republica aclamado pelo povo



do Estado a demissão do gabinete. Tinham cumprido a sua missão; agora normalizada a vida nacional só deviam retirar-se. O presidente da Republica falou então dos grandes serviços dos membros do governo provisório nos dias difíceis que seguiram á revolução, de toda a obra dos colaboradores d'esse ministerio. Referiu-se ao sr. dr. Afonso Costa, chamando-lhe o homem de pulso forte que escreveu a lei da separação; ao sr. dr. Antonio José d'Almeida, quem derramou a luz na alma do povo com a sua lei de instrução primaria; ao sr. dr. Bernardino Machado, o distincto di-



plomata o qual a Republica muito deve. Ao concluir apertou contra o peito Theophilo Braga e a assistencia ficou commovida ao vêr esses dois velhos que se abraçam em nome da democracia sob os lustres, diante dos espelhos faiscentes da sala d'um paço real.

Deputados, altos funcionarios, militares, passaram diante do chefe do Estado, saudaram-no affectuosamente e elle a todos agradeceu. A tarde ia declinando; eram já 6 horas quando o presidente da Republica acompanhado por seu filho, sr. Roque Manuel d'Arriaga, escolhido para seu secretario particular, desceu as escadarias do paço de Bellem. O automovel esperava-o rodeado pelo esquadrão e por



1—A estatua de José Estevão no dia da eleição presidencial
2—A multidão em frente do Congresso



Republica Portuguesa, o que um grupo de deputados desde logo mandou agradecer em telegramma ao Senado e á Camara dos Deputados d'aquella nação. De todo o paiz chegaram saudações ao novo chefe do Estado, assim como todas as classes sociaes e aggremações as tem enviado para a secretaria da presidencia da Republica.

entre os respeitosos cumprimentos do povo, o chefe do Estado regressou a sua casa na rua da Santissima Trindade, onde dentro em pouco 'he era feita uma calorosa manifestação por elementos populares. O sr. ministro dos estrangeiros ao chegar á sua secretaria mandou telegraphar a todos os nossos representantes junto dos governos estrangeiros o resultado da eleição para o communicarem officialmente.

A' noite era affixada a noticia de que a França reconheceria definitivamente a



1—A escolta de lanceiros, que acompanhou ao paço de Belem o Presidente da Republica 2—A' chegada do automovel presidencial ao paço de Belem 3—O sr. dr. Brito Camacho recebe as congratulações do sr. Braamcamp Freire—(Ilheis de Benotell)

A REVISTA MILITAR DO DIA 25

No dia seguinte ao da eleição presidencial os regimentos aquartelados em Lisboa formaram em parada nas avenidas além da Rotunda, a fim de se festejar aquelle facto e tambem a Constituição do paiz, dias antes approvada pela Assembléa Nacional.

O chefe do Estado, n'uma carruagem á Daumont e acompa-



nhado pelos srs. ministro da guerra e do interior, passou revista ás tropas que desfilarão de seguida em continencia. Primeiro, ao som das salvas de artilharia 1, appareceu a bateria de Queluz e logo lanceiros, cavallaria 4 e caçadores 5, sendo muito victoriados, bem como infantaria 1, 2, 5 e 16 que se lhes seguiram.

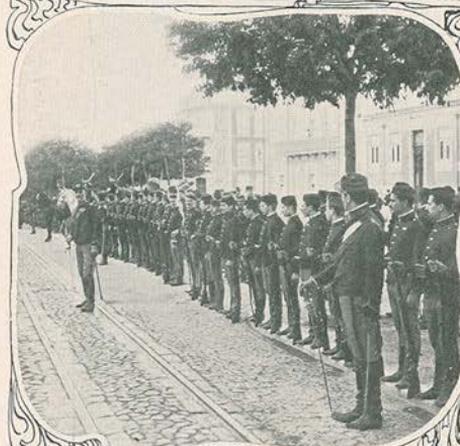
O presidente da Republica ao retirar-se foi muito aclamado.



1—Aspecto da Rotunda da Avenida no dia da Revista 2—A estreia do novo uniforme e equipamento dos 1.º sargentos na revista 3—O Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior, e pelo coronel Correia Barreto, ministro da Guerra, descendo a Avenida no dia da revista em sua honra



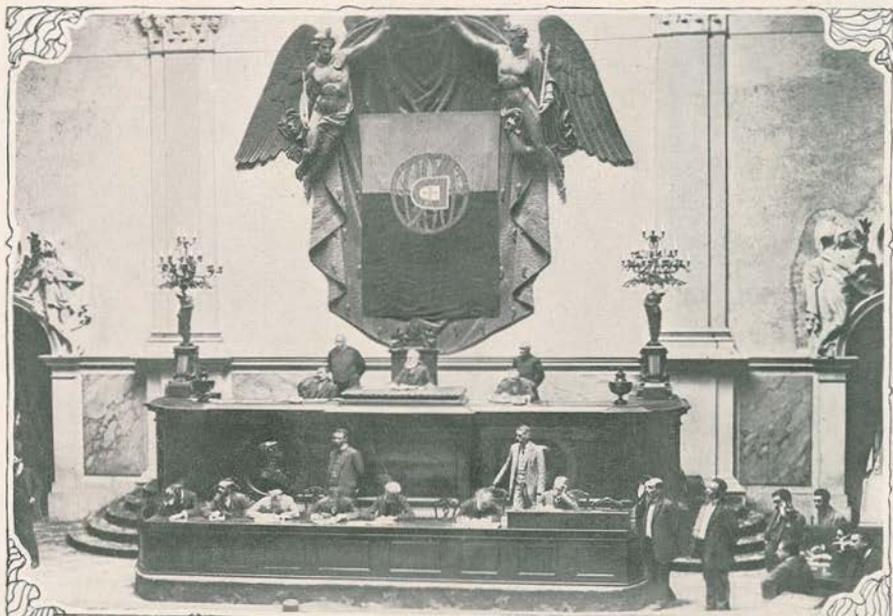
Aspecto da Praça Marquez de Pombal no dia da revista militar em honra do Presidente da Republica



1—A bandeira do regimento de cavallaria 4. 2—A bandeira de infantaria 5
 3—O regimento de infantaria 5 4—A bandeira de lanceiros 2
 5—O estado-maior do regimento de infantaria 5
 6—Cavallaria 4 na revista

(Clichés de Benoitel)

A SESSÃO INAUGURAL DO SENADO.



1—A meza da presidencia do Senaço na antiga sala dos pares do reino

2—A sala do Senado na sua sessão inaugural

(Clichés de Benolle)

FIGURAS E FACTOS

O cortejo de homenagem ao túmulo de Fernandes Thomaz.

— A Sociedade Musical 24 de Agosto celebrou o aniversário da revolução de 1820 organizando um cortejo que foi depór flôres no jazigo do grande patriota Manuel Fernandes Thomaz, erigido no cemitério dos Prazeres.

Com grande concurso de povo e representantes de varias aggremitões democraticas se realisou a manifestação funebre, falando sobre a obra do *Synedrio* os srs. Augusto José Vieira e coronel João Maria Lopes.



1—Os condemnados que vieram da cadeia da Relação do Porto com destino ao degredo

2—Os presos á saída da estação do Rocio a caminho do Limoeiro

3—Junto ao túmulo de Manuel Fernandes Thomaz no cemitério dos Prazeres no dia 24 d'Agosto em que se commemorou o anniversario da revolução de 1820

4—Os manifestantes á saída do cemitério dos Prazeres (Clíchê de Benoliel)



•A QUESTÃO•
 •CORTICEIRA•
 OS INCENDIOS DAS
 FABRICAS DO
 •CARAMUJO



1, 2 e 3— Fabrica Villarinho depois do incendio

Lisboa viu na noite de 22 para 23 d'agosto um grande clarão no outro lado do rio. Correu gente para os pontos altos da cidade a vêr o espetaculo e dentro em pouco sabia-se que estava a arder a fabrica de cortiça do Caramujo pertencente ao sr. conde de Silves. O fogo apparecera em tres partes ao mesmo tempo e com tanta intensidade que se communicou aos depositos situados a dez metros de distancia. Quando os voluntarios d'Almada o quizeram debellar repararam que tinham sido cortadas as mangueiras. Pediram-se logo ansiosamente reforços para Lisboa; embarcou muito material d'incendio com cavallaria e infantaria da guarda republicana que foram recebidas com manifestações hostis. A fabrica ficou totalmente reduzida a cinzas e as auctoridades d'Almada julgando que o incendio era um acto de *sabotage*, levado a effeito depois do comicio da classe corticeira terminado momentos antes de elle se manifestar, prendeu o agitador operario Bartholomeu Constantino e pouco depois alguns dos seus companheiros. Quando na manhã seguinte os quizeram enviar para Lisboa o povo e os corticeiros da região agglomerados diante da cadeia mostraram que o impediriam a todo o transe, transigindo n'este ponto o administrador do concelho. As outras fabricas da localidade foram logo cercadas por forças da guarda republicana, a fim de impedirem tentativas da parte dos operarios que unanimemente negam o delicto que lhes imputam. Os prejuizos na fabrica do sr. conde





1—As ruínas da fabrica de Villarinho

2—O chefe Carvalho dirigindo os trabalhos de rescaldo nos armazens das fabricas Fernandes, Villarinho.



inquerito rigoroso, repelindo toda a acção n'um acto que continua a não considerar como de *sabotage*.

de Silves são avaliados em duzentos e cinquenta contos de réis que teem de ser pagos na sua quasi totalidade pela Sociedade Portugueza. No dia seguinte a associação de classe dos corticeiros



1 e 2—O rescaldo.
3 — As patrulhas da guarda Republicana impedindo a passagem.
4—O acampamento d'alguns moradores da fabrica incendiada

reuniu em Marvilla e n'um protesto contra as accusações feitas aos seus companheiros e ás suas prisões, deliberou fazer a grève geral e desde logo a começou. Reclamou um





1 — Os corticeiros em frente da cadeia d'Almada, a fim de impedir que os presos fossem conduzidos para Lisboa.
 2—O administrador do conselho sr. Raul Pires conferenciando com commandante e alguns officinas das forças da guarda republicana



3—Os operarios junto ao tenente Pimentel impedindo a sahida dos presos da cadeia de Almada—(Clichés de Benollet)

A Portella do Homem

Aquella Portella do Homem, que tantas vezes se abriu para deixar passar sobre o piso da velha *geira* de Braga, por Astorga, as legiões de Roma, desde Tito e Domiciano até Decencio, tem sido ha tempos um alto ponto de interrogação posto na fronteira do norte, como a inquirir se por ali será que nos venham sobresaltar aquellos que das bandas da Galliza ensaiam o golpe com que pretendem vir reconquistar para o paiz, n'um arranco de audiciosa loucura, a fôrma de governo que

o 5 de outubro derruiu.
Estava-se em julho de 1828.

Bernardo de Sá Nogueira, negada a offercida passagem no Belfast, onde Saldanha e outros chefes liberaes embarcaram para fugirem á derrota e á força miguelina, decidido a sacrificar-se até á ultima pela ideia que defendia e entregue o supremo mando da *divisão leal* ao general Pizarro, parava na noite de 3 em Santo Thyrso, onde ao receio da approximação dos miguelistas começava a desenharse o desanimo de muitos que o acompanhavam e a apprehensão de que alguns o abandonariam.

O seu grande prestigio, porém, de bravo militar, lá conseguia ir mantendo a desejada unidade e a marcha seguia sem idéas de entrarem em Braga, miguelistas e reaccionarios, que os receberia mal, de onde ainda assim uma força de 800 homens e os frades do Populo os correram a fogo, mas não sem resistencia, indo acampar na Ponte de Prado.

De lá, conhecidos os primeiros boatos da approximação de tropas inimigas, perdida toda a



1 e 2—Um acampamento de tropas em Villar da Veiga, no sopé da serra do Gerez

ideia de combate e determinada já a fuga como recurso unico, as tropas liberaes ahi vão a caminho do Gerez, á busca da Portella que lhes daria ingresso no exílio. o duro exílio suspirado então como conforto supremo!

E de facto alli chegaram pelas 5 horas da tarde do dia 6 de julho de 1828, abatidos, cansados, abandonada já a artilharia, de que parte se aliara ainda em Prado e a restante depois, perdida definitivamente a ultima esperanza de victoria!

g, deixando cá fóra todos os armamentos á guarda de sentinellas hespanholas.

Era julho, mas para cumulo de infortunio, a chuva cahia forte e persistente e o vento frio da serra vinha enregelar aquelles pobres corpos já alquebrados pela fome e pela fadiga.

Lá abaixo Villa Meã, Torneiros e Lobios; mais ao longe Entrimo Grou eram, com outras modestas aldeias, por onde agora se diz terem andado conspirantes monarchicos,



Forças de cavallaria, infantaria e metralhadoras acam-

caçadores, com as respectivas padas no Gerez

Apezar das deserções, apesar dos desanimos que produziam retardatarios, alli estavam mais de nove mil almas sem abrigo e sem conforto tendo por leito as duras arestas da rocha e por tecto unico as nesgas de ceu que as altas cumiadas das montanhas deixavam aperceber.

Aguardava-se que da Hespanha se abrissem braços se não amigos, ao menos caridosos, da piedade que se prodigalisa aos vencidos nobres, mas os dias passavam sem chegar a resposta ás solicitações que Pizarro enviara ao governador de Orense e ao Capitão-general da Galliza, resolvendo-se elle por isso a passar a fronteira no dia



proximas povoações hespanholas onde os emigrantes iriam pedir o primeiro azylo, mas ao caminho sahiu-lhes no dia 10 uma força militar que, longe de os proteger, os aggravava, com o pretexto de vir para d'elles defender os aldeãos!

Ao mesmo tempo uma alluvião de padres surgiu, rompendo as massas dos portuguezes liberaes e incitando-os a que regressassem ao paiz, onde D. Miguel os receberia de braços abertos, confessada a culpa e sollicitado o magnanimo e regio perdão...

Mas não. Os liberaes não recusariam agora e haviam de levar até ao fim a dura cruz do martyrio em que havia tanto tempo caminhavam.



No acampamento

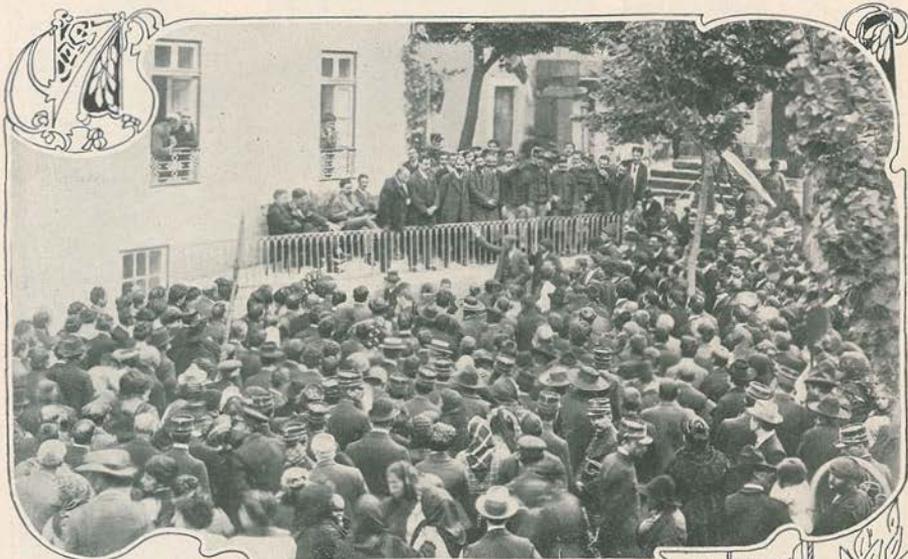
de Villar da Veiga

Perseguidos, insultados e roubados inflamemente por populares e auctoridades; despojados de viveres, de roupas e de dinheiro; roubado o proprio cofre da divisão, onde ainda havia setenta e cinco contos de réis, os pobres emigrados lá se foram arrastando de solavanco em solavanco, de encontrão em encontrão, até ao 18 de julho, em que um terminante decreto do governo hespanhol os punha fóra do seu territorio no maximo praso de 3 dias.



E effectivamente, de 18 a 27 de agosto embarcaram para Inglaterra perto de 2.400 portuguezes liberaes, fugidos do seu paiz e que, procurando na Hespanha uma guarida, ali foram achar novas perseguições, novas torturas e novos supplicios!...

Foi por alli, por aquella Portella do Homem, que tantas vezes se abriu para deixar passar os legionarios da velha Roma, que em julho de 1828 os emigrados liberaes portuguezes trans-



Um comício nas Caldas do Gerez. Na varanda, entre outros, o dr. Manuel Monteiro, governador civil de Braga, o capitão de infantaria Antonio Macedo Chaves, o tenente de artilharia Norberto Guimarães, o dr. Carvalho Mourão, o regente florestal Tude de Souza e Ivo Ribeiro, filho do fallecido proprietario do hotel Ribeiro, um dos mais antigos republicanos do norte do paiz.

puzeram a fronteira para se acolherem á protecção da Hespanha, que os expulsou em curto praso, por ali é que agora se diz pretendem entrar os conspiradores portuguezes, que na mesma Hespanha se preparam para reconquistar para o paiz, n'um arranco de audaciosa loucura, a fórma de governo que o 5 de outubro derruiu.

E para o impedir alli estão vigilantes os soldados da Republica, que a Republica alli collocou n'um legitimo gesto de defeza.

Gerez — Agosto de 1911.
Tude M. de Souza.



A continencia á bandeira republicana içada no chalet da regencia florestal, na serra do Gerez

COMPANHIA DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousa), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacoes speciaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de lorma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicacoes periodicas do paiz e e fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonico: Lisboa, 663—Porto, 417.

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES BRONCHITES
são radicalmente **CURADAS**
PELA

SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá

PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE
COURBEVOIE—PARIS
e em todas as Pharmacias.

COMPREM AS

Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou colorido:

Duchesse, Voile, Setim flexivel, Taffetas, Crêpe de Chine, Ecolane, Côtelé, Mousseline, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Peluche** para vestidos, blusas etc. assim como **blusas e vestidos bordados** em batista, lá, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & Co.
Lucerne E II (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obter-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



UNIÃO PHOTOGRAPHICA INDUSTRIAL
ESTABELECIMENTOS

LUMIERE ET JOUGLA

REUNIDOS.

PLACAS · PAPEIS · PELICULAS · PRODUCTOS

Contra a Asthma
REMEDIO DE ABYSSINIA EXIBARD
em Pó e Cigarros.
Alivia instantaneamente.
6, Rue Dombasle, Paris. — Todas 72/24.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

MADAME Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez e incomparavel em vaticios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicacoes praticas das theorias de Gall, Lavater, Desharbrolles, Lambrze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falla portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA.

Consultas a 15000 rs., 25300 e 50000 rs.



BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



GRAND HOTEL LANATA

SUCESORES

Ximenes & Santamarina

Calle Sarandi 325 y 327

Telefonos LAS DOS COMPAÑIAS PLAZA CONSTITUCION MONTEVIDEO CON ASCENSOR ELECTRICO

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

ZINCORAVURA E PHOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobrado ou nickelado. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo — o de trichromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREOTYPIA de toda a especie de composicao. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Officinas da **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**, Rua do Seculo, 43 — LISBOA

MUSEU BIBENDUM

TERCEIRO QUADRO

UMA VIAGEM À VOLTA DA CAMARA

Ainda que não esteja rebentada, esta camara d'ar, quasi nova, não apresenta com-tudo o caracter de homogeneidade necessario para assegurar um bom serviço. Está mesmo sujeita a rebentar d'um momento para o outro, em consequencia das differenças d'espessura que se manifestam sob a forma de sulcos, ao longo do tubo.

Foi uma negligencia na montagem que deu origem a este mal. E' comtudo muito facil, depois de ter injectado ligeiramente, pela primeira vez, algum ar, e antes de metter no seu logar a jante do pneumatico, passar a mão ao longo de toda a circumferencia da camara d'ar, para verificar se existe alguma dobra

São os accidentes d'esta ordem, frequentemente repetido, ainda que facilmente evitaveis, que



fazem levantar as mãos aos ceus aos chauffeurs, quando, no fim do anno, fazem as contas do que lhes custou o seu automovel.

E de quem é a culpa?

MICHELIN.